

A LINHA TÊNUE ENTRE A VIDA E A ARTE:  
REFLEXÕES DIALÓGICAS SOBRE O  
AUTOR-CRIADOR NA SEÇÃO UM DEDO DE  
PROSA DA HQ CHICO BENTO MOÇO, DE  
MAURICIO DE SOUSA

5

THE THIN LINE BETWEEN LIFE AND ART:  
DIALOGICAL REFLECTIONS ABOUT THE  
AUTHOR-CREATOR IN THE SECTION UM  
DEDO DE PROSA OF CHICO BENTO MOÇO  
COMICS, BY MAURICIO DE SOUSA

**BORGES, Leonardo Mailon**

Mestrando pelo Programa de Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras - Araraquara (UNESP)

E-mail: leonardo.m.borges@unesp.br

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-2990-1083>

**MENDONÇA, Marina Célia**

Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas – Unicamp

Docente do Departamento de Linguística, Literatura e Letras Clássicas da Faculdade de Ciências e Letras – Araraquara (UNESP)

E-mail: marina.mendonca@unesp.br

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-5712-2346>

**RESUMO**

O objetivo deste artigo consiste em refletir sobre marcas do autor-criador manifestadas pelo sujeito organizador dos *textos emoldurados* (BAKHTIN, 2015) para que se possa compreender o engendramento de vozes sociais e seus respectivos diálogos entre a vida e a arte, considerando, também, o autor-contemplador como agente nesse processo de interação discursiva, sustentados no *corpus* desta pesquisa, qual seja, a seção *Um dedo de prosa* das edições 2, 3, 4 e 5 da HQ *Chico Bento Moço*, produzida pela empresa Mauricio de Sousa. Desse modo, nas análises, procuramos investigar as vozes sociais emanadas pelo discurso do autor-criador, no viés da dialogia.

Para tanto, utilizamos os conceitos de ideologia e enunciado concreto, bem como *excedente de visão e conhecimento* com a finalidade de apresentarmos discussões acerca dos processos de autoria valorados socialmente. A partir de tal problemática, é válido destacarmos que as discussões realizadas, de cunho qualitativo e interpretativo (BAKHTIN, 2011; AMORIM, 2004), estão fundamentadas em leituras teórico-críticas do trabalho do Círculo de Bakhtin, para que possamos tecer considerações pautadas nos estudos dialógicos na relação entre a arte e a vida. Nessa ótica, o que se verifica é a sobreposição de uma voz social por vezes conservadora, como engendradora da formação de um projeto didático direcionado ao autor-contemplador, isto é, o jovem, posto que as argumentações defendidas pela voz que se manifesta nas seções finais das revistas suscitam um outro, pela alteridade, na cadeia enunciativa, conduzindo aproximações permanentes entre o herói e o seu contemplador.

**Palavras-chave:** Dialogismo. Chico Bento Moço. Ideologia. Autoria.

## ABSTRACT

This article aims to reflect about the marks of the author-creator displayed by the organizer of the frame-texts (BAKHTIN, 2015) so that there can be an understanding of the engendering of social voices and their respective dialogues between life and art, also considering the author-contemplator as an agent in this process of discursive interaction, both of whom present in the corpus of this research, that is, the section *Um dedo de prosa* of *Chico Bento Moço* comics - 2nd, 3rd, 4th and 5th editions - created by Mauricio de Sousa enterprise. Thus, in the analyses, we sought to investigate the social voices emanated from the discourse of the author-creator, based on the dialogical perspective. For that, we have used the concepts of ideology and concrete utterance, as well as the surplus of vision and knowledge, for the purpose of introducing discussion about the processes of authorship valued socially. From this research problem, it is valid to highlight that the discussions held, with both qualitative and interpretive characteristics (BAKHTIN, 2011; AMORIM, 2004), are substantiated by theoretical-critical readings of work on the Bakhtin Circle, in order to weave considerations governed by dialogical studies in the relation between life and art. Under this perspective, what has been observed is an overlapping of a social

voice, at times conservative, as the creator of the formation of a didactic process directed to the author-contemplator, that is, the young, since the arguments defended by the voice expressed in the final sections of the magazine elicit an other, through alterity, in the utterance chain, conducting permanent approximations between the hero and his contemplator.

**Keywords:** Dialogism. Chico Bento Moço. Ideology. Authorship.

## INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo consiste em promover uma investigação acerca das marcas de autoria manifestadas pelo autor-criador para que possamos compreender o engendramento de vozes sociais e seus diálogos no plano axiológico da estética, considerando, também, o autor-contemplador como público-alvo nesse processo, sustentados no *corpus* desta pesquisa, isto é, a seção *Um dedo de prosa* das edições 2, 3, 4 e 5 da HQ *Chico Bento Moço*, como texto da ótica da *molduragem* (BAKHTIN, 2015), produzido pela Instituição Mauricio de Sousa, a qual é reconhecida pela criação de personagens responsáveis pela construção do imaginário popular no Brasil.

A partir de tal problemática, é válido destacarmos que as discussões realizadas nesta pesquisa, de cunho qualitativo e interpretativo sob a perspectiva metodológica do trabalho com as ciências humanas (BAKHTIN, 2011; AMORIM, 2004), estão fundamentadas em leituras teórico-críticas a respeito do trabalho do Círculo de Bakhtin, o qual é composto por estudiosos russos, como Mikhail Bakhtin, Pavel Medvedev, Valentin Volóchinov, entre outros pensadores, junto a alguns de seus comentadores brasileiros, para que possamos tecer considerações pautadas nos estudos dialógicos do discurso. Para tanto, utilizaremos, como fonte analítica, o conceito de ideologia e de enunciado concreto, bem como as definições e aplicações da acepção de *excedente de visão* e *conhecimento* com a finalidade de apresentarmos discussões acerca dos processos de autoria na estética imbuídas no universo ficcional materializado na escrita mauriciana.

### **DIÁLOGOS DA ÉTICA COM A ESTÉTICA: as noções de ideologia, enunciado concreto e autoria em perspectiva dialógica**

Preliminarmente, salientamos a necessidade de menção a elementos fundamentais para uma compreensão dos atos discursivos

em viés dialógico no que diz respeito ao processo de constituição dos conceitos de ideologia e enunciado para que possamos apresentar discussões relacionadas ao processo de autoria com os subsídios da tônica bakhtiniana, a qual se vincula, inexoravelmente, à vida.

Assim, os estudos dialógicos conceituam, em suas acepções teórico-metodológicas, que práticas sociais constituem atividades de linguagem (BAKHTIN, 2011) e, assim como a própria condição humana, a linguagem está em constante mudança, compreendendo uma entidade viva e representativa, formada por signos ideológicos. Destacam-se, aqui, estudos de Volóchinov (2017) e Medviédev (2012), os quais apresentam a ideologia como tônica dominante para os estudos realizados sobre linguagem, a qual, compreendida nas relações de poder, consolida-se como espaço e tempo das lutas sociais entre vozes ressonantes e inacabadas, considerando-se a dialética do inacabamento discursivo (BAKHTIN, 2010; COSTA, 2018).

A partir da noção da corporeidade ideológica como consciência engendrada nas relações sociais é que é plausível a demonstração do método sociológico responsável pela construção de um elo discursivo, o qual se baseia na palavra, não como perspectiva imanente (tal como propõe o percurso saussuriano, isto é, a ótica estruturalista), mas no signo carregado de emblema ideológico e situado, no enunciado concreto, como materialização de projetos discursivos e, por fim, nos gêneros do discurso, os quais refletem práticas sociais sob uma esfera de comunicação e de circulação entre sujeitos cronotópicos. (BAKHTIN, 1998).

Nesse contexto, o fenômeno da ideologia é desenvolvido por Volóchinov, o qual objetivou discutir a natureza da linguagem ao evidenciar que é por meio de signos ideológicos, como unidade da comunicação discursiva, que se manifestam, concretamente, os projetos discursivos carregados de valorações sustentadas pelos sujeitos, os quais manifestam, na atitude interativa, práticas de respostas constantes e vivas, caracterizando o fenômeno dialógico que tece as relações do e no solo social como arena em que (co)existem discursos que se complementam ou que se refutam na arquitetônica responsável pela construção de elos nas semioses dos discursos. Desse modo, nas palavras do teórico russo, em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (2017, p. 106): “Na palavra se realizam os inúmeros fios ideológicos que penetram todas as áreas da comunicação social”.

Nessa perspectiva, verifica-se o caráter de união de duas forças que se chocam e concretizam o fenômeno do signo ideológico: o

psiquismo individual, isto é, o mundo interior do sujeito; e a ideologia fundada e fundante do mundo exterior, o qual suscita as ideologias calcadas no diálogo responsivo das relações humanas. É nesse encontro de forças sociais que se situa o enunciado concreto como produto da ideologia junto às práticas sociais que envolvem o sujeito-autor na arena de embates, revelando vozes imbuídas de valores sintéticos inacabados, posto que todo enunciado, no elo discursivo, caracteriza uma rede a qual implica atitudes responsivas ativas enquanto materialidade de interações verbais, visuais, verbo-visuais, gestuais etc. Sobre o presente conceito de enunciado concreto como elemento nuclear, de acordo com Pavel Medviédev, integrante do Círculo de Bakhtin, em sua obra *O método formal nos estudos literários – Introdução crítica a uma poética sociológica*:

As concepções de mundo, as crenças e mesmo os instáveis estados de espírito ideológicos também não existem no interior, nas cabeças, nas ‘almas’ das pessoas. Eles tornam-se realidade ideológica somente quando realizados nas palavras, nas ações, na roupa, nas maneiras, nas organizações das pessoas e dos objetos, em uma palavra, em algum material em forma de um signo determinado. Por meio desse material, eles tornam-se parte da realidade que circunda o homem. (MEDVIÉDEV, 2012, p. 48-49)

Dessa forma, Bakhtin (2011) entende que o emprego da língua é efetuado por meio de enunciados (da oralidade ou da escrita) concretos e irrepitíveis, revelando, na e pela linguagem, a construção composicional, estilística e temática como elementos primordiais para a existência de uma cadeia enunciativa. Esses três arranjos fundamentais do enunciado estão unidos em um determinado campo da comunicação humana, sendo que cada campo elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, convencionalmente nomeados por gêneros do discurso.

Transitando por etapas, verificamos que, no processo constitutivo da formação enunciativa, as construções valorativas e posições éticas se baseiam nas atividades sociais, concebendo, dessa maneira, o enunciado como um acontecimento da língua, ao suscitar a presença da conjuntura extralinguística como circunstância de construção do enunciado, os quais possuem uma trajetória sócio-histórico-cultural, conforme postula Valentin Volóchinov:

O sentido e o significado que o enunciado tem na vida (independente de como sejam) não coincidem com a sua composição puramente verbal. As palavras ditas são repletas de subentendido e do não dito. Aquilo que é chamado de “compreensão” e de “avaliação” do enunciado (a concordância ou a discordância) sempre abarca, além da palavra, também a situação extraverbal da vida. Desse modo, a vida não influencia o enunciado de fora dele: ela o impregna de dentro, enquanto unidade e comunidade da existência que circunda os falantes, e enquanto avaliações sociais essenciais geradas por essa existência, fora das quais não é possível nenhum enunciado consciente. A entonação se encontra no limite entre a vida e a parte verbal do enunciado, é como se ela bombeasse a energia da situação cotidiana para a palavra, atribuindo ao todo linguisticamente estável um movimento histórico vivo e um caráter irrepetível. Por fim, o enunciado reflete em si a interação social entre o falante, o ouvinte e o personagem, sendo o produto da sua comunicação viva e da sua fixação no material da palavra. (2019, p. 129)

Nessas esteiras da vida e da arte compreendidas como locais de aproximações dialógicas, torna-se imprescindível, para esta pesquisa, a discussão sobre as práticas de escrita em que se manifestam a voz social do autor para que possamos compreender os processos de reflexo e de refração atuantes na produção de sentidos conferidos às textualidades enunciativas como mecanismo de materialidades de vozes que ecoam nos discursos e revelam subjetividades, posto que o sujeito da vida é “transposto” para a obra por meio do *excedente de visão*, que confere acabamento ao todo artístico recriado (BAKHTIN, 2011).

Desse modo, a primeira concepção que pode atuar como catalisadora dessas relações na produção estética é a noção de *excedente de visão* como filosofia da *alteridade* (BAKHTIN, 2010), compreendida em suas reverberações na vida, tendo em vista que o acabamento estético extrai valores sócio-histórico-culturais da realidade e refrata, por meio do autor-criador, uma realidade recriada, conforme discute Carlos Alberto Faraco, ao considerar, justamente, que “é esse posicionamento valorativo que dá ao autor-criador a força para constituir o todo: é a partir dela que se criará o herói e o seu mundo e se lhes dará o acabamento estético”. (2020, p. 38). Valemos, essencialmente, do pensamento bakhtiniano para tecermos essa noção de exterioridade:

Esse *excedente* da minha visão, do meu conhecimento, da minha posse – *excedente* sempre presente em face de qualquer outro indivíduo – é condicionado pela singularidade e pela insubstituíbilidade do meu lugar no mundo: porque nesse momento e nesse lugar, em que sou o único a estar situado em dado conjunto de circunstâncias, todos os outros estão fora de mim (BAKHTIN, 2011, p. 21).

Sendo assim, na dinamicidade das relações dialógicas, surge a atividade de alteridade constituída na e pela prática social como consequência da *exotopia* no processo de criação artística, uma vez que o autor-criador vislumbra um projeto de externalização sobre um herói:

Eu crio com meu ativismo o corpo exterior do outro como valor por manter determinada diretriz volitivo-emocional em face dele, precisamente do outro; essa diretriz visa ao que está adiante e não retroage imediatamente a mim mesmo. No vivenciamento do corpo a partir de si mesmo, o corpo interior da personagem é abarcado por seu corpo exterior para o outro, para o autor, em cuja resposta axiológica ganha encorpamento estético. Cada elemento desse corpo exterior, que abarca o interior, tem, como manifestação estética, uma dupla função – uma impressiva e outra expressiva -, à qual corresponde uma dupla diretriz ativa do autor e do contemplador. (BAKHTIN, 2011, p. 56)

Resta-nos, nesse ínterim, a consideração distintiva sobre a noção de autor-pessoa e a de autor-criador, conforme postula Bakhtin (2011), ao considerar o primeiro como o escritor, o ser social o qual está diretamente calcado em uma realidade vivida e experienciada enquanto sujeito, ao passo em que o segundo atua, funcionalmente, como organizador do produto estético-formal, dando-lhe o acabamento pela relação de exterioridade, correspondendo a um deslocamento, isto é, um recorte da realidade feito por parte do artista e, nas palavras de Faraco (2020, p.38), trata-se de um “centro artístico e axiológico que dá unidade ao objeto estético.”

Sustentados por essas reflexões, podemos conceber que a instância do autor-criador sustenta a nova unidade concretizada, a qual produzirá novos valores e, por conseguinte, novos posicionamentos desse mundo complexo que se cria no ato esteticamente consumado por meio da refração, a qual fornece a reorganização dos eventos ocorridos

na real existência dos sujeitos, os quais são reelaborados e situados na estética. Isso confere ao autor-criador uma posição valorativo-criativa, concomitantemente, refratada e refratante, posto que ele é criado pelo autor-pessoa, ao mesmo tempo em que cria a trama e o universo criado para a constituição do herói<sup>1</sup>, constituindo, dessa maneira, o postulado de que o arranjo estético não exclui os contextos sócio-histórico-culturais porque, justamente, é o local em que se manifestam os posicionamentos axiológicos promovidos pelo discurso do viés estético. Sob esse prisma, podemos compreender, nas palavras do pensador russo, que:

Essa orientação axiológica e essa condensação do mundo em torno do homem criam para ele uma realidade estética diferente da realidade cognitiva e ética (da realidade do ato, da realidade ética do acontecimento único e singular do existir), mas, evidentemente, não é uma realidade indiferente a elas. (BAKHTIN, 2011, p. 173)

Contextualmente, o autor-criador, essa voz segunda, que se manifesta enquanto função organizadora dos discursos, também se fundamenta em princípios de *excedente de visão e conhecimento*, por isso há a acepção de que a heteroglossia dialogizada é aplicável não só no nível do artista, enquanto ser social, como também na relação autor-criador diante dos personagens a serem orquestrados em um enredo engendrado na complexa rede de posições axiológicas, ou seja, o objeto estético propriamente dito e materializado enquanto forma arquitetônica:

Enquanto o artefato é uma coisa, um ente factual, um dado, o objeto estético não o é. Mas não é também uma essência metafísica. Ao contrário, trata-se efetivamente de um conjunto de relações axiológicas (o objeto estético é, portanto, uma realidade relacional) que se concretiza no artefato. Ou, em outras palavras, trata-se de uma arquitetura, de um conteúdo axiologicamente enformado pelo autor-criador numa certa composição concretizada num certo material. (FARACO, 2011, p. 23)

Destarte, utilizaremos tais reflexões presentes na ótica do Círculo de Bakhtin objetivando uma descrição teórico-analítica, no que se refere à instância criativa em torno da constituição do autor-criador a partir do corpus deste trabalho: a seção *Um dedo de prosa* (texto verbal) de quatro

<sup>1</sup> As reflexões acerca do conceito de herói estão pautadas em versões / traduções das obras do Círculo de Bakhtin que podem variar na nomenclatura do objeto pesquisado. Portanto, utilizaremos “herói” e “personagem” como termos sinônimos ao longo de nossas discussões.



revistas contemporâneas da franquia *Chico Bento Moço*, produzida pela razão institucional Mauricio de Sousa<sup>2</sup>.

### **UM DEDO DE PROSA E UM PROJETO FORMATIVO PARA O JOVEM: perspectivas dialógicas a respeito do autor-criador de Chico Bento Moço**

A respeito das primeiras aparições da ideologia que dá vida ao protagonista, constata-se que *Chico Bento* foi criado em 1961 por Mauricio de Sousa, cuja inspiração se encontra no tio-avô do cartunista (NATAL, 2004, p. 10). O personagem principal é uma construção representativa do conjunto de indivíduos que ocupam o espaço rural, portanto, pode-se enumerar uma série de elementos estereotipados que o caracterizam e o constituem, como o uso do chapéu de palha, a ausência de sapatos e o cultivo da agricultura familiar, consolidando um imaginário popular de circulação nacional diante da representação valorativa dessa semiose constitutiva do sujeito do campo.

Ademais, em sua versão jovem, a qual nos interessa para esta discussão, há uma valoração que apresenta maior relevância para os estudos de linguagem em perspectiva dialógica: a formação das práticas sociais presentes nos quadrinhos de *Chico Bento Moço*, destinados ao público jovem, junto ao projeto de dizer efetuado pelo protagonista e os demais personagens, os quais interagem sob a ótica de dois contextos espaciais diferentes: o campo e a cidade.

Sob essa perspectiva, inclui-se, na composição das HQ's, as quais recriam o estilo do mangá tipicamente japonês, a seção *Um dedo de prosa*, a qual consiste em apresentar, ao final de cada história da revista, um breve discurso moralizante que sintetiza todo o enredo apresentado diegese, sob a voz social do autor-criador, o qual se dirige ao leitor, inicialmente, com o propósito de tecer uma conversa distensa, porém em tom de assunto de suma importância (como já indica o título da seção) a respeito dos temas abordados ao longo das trajetórias dos personagens, caracterizando, de antemão, um interdiscurso reiterativo em relação à trama.

Nesse contexto, apresentamos, a seguir, a seção *Um dedo de prosa* das edições 2, 3, 4 e 5 da revista *Chico Bento Moço* para reflexão a respeito das vozes sociais emanadas pelo discurso do autor-criador e com o fito de analisarmos a manifestação do autor-criador em seus posicionamentos axiológicos conferidos no processo de constituição do

<sup>2</sup> Salientamos que o objetivo desta pesquisa consiste em investigar traços estilísticos, ideológicos e sociais do autor-criador, e que, portanto, quaisquer considerações a respeito do autor-pessoa poderão ser utilizadas como artefato para contextualização histórica da circulação das HQ's na vida / no ato leitor.

objeto estético por meio do aspecto de *excedente de visão e conhecimento* como elemento fundamental conferido à autoria de textos.

Com efeito, a edição número 2 aborda a chegada de Chico Bento Moço à cidade de *Nova Esperança*, com a finalidade de evidenciar o primeiro contato do protagonista com a vida na urbe, compreendida como uma problemática a ser enfrentada pelo personagem. Chico passa a conhecer seus novos companheiros de república, vivencia desprazeres, inicialmente, e a revista aborda todo o *choque cultural* vivido por ele, tendo em vista que o herói estava habituado com as práticas do campo. Ao final da revista, deparamo-nos com a transcrição da seção a seguir:

Quem não passou pelas dificuldades do Chico ao chegar a uma cidade nova, a uma escola, a um novo grupo? Todos nós.

Nessa hora não adianta a gente se lembrar da mãe. Ela está longe e não gostaríamos de incomodá-la. O pai também ficou lá, distante, com a certeza de que já lhe ensinou tudo o que você teria que aprender com ele para enfrentar e resolver seus problemas. Os velhos amigos? Cada um indo para seu lado, formando novos grupos, poucos restam perto da gente.

Mas o pior é a namorada. Essa a gente lembra com uma mistura de saudade, ciúme sem causa, vontade de ver e medo de esquecer até da forma do seu rosto. Fotos salvadoras vão resolvendo esse problema. De forma dolorida.

Mas ao mesmo tempo em que a gente é esmagada pelas novidades nem sempre agradáveis, vai emergindo uma vontade de ir em frente, buscar mais desafios. Caçar os degraus que nos levarão a um momento mais seguro, mais estável, próximo do começo da nossa nova vida.

Chico se lembra de muitos conhecidos e amigos dos seus pais que contam suas histórias da juventude. Desde o padre Lino, o Nhô Lau, até o seu Mário, da Farmácia. Todos camelaram durante algum tempo e depois se encontraram. Abraçaram seu destino. É o caminho natural. Então pra que desespero?

Basta estudar, respeitar a turma, encontrar-se com a Rosinha de vez em quando (não sei como), manter proximidade com a família, nem que seja somente pelas cartas e... Esperar o tempo amaciar nosso caminho.

Aconteceu com cada ser humano... Ou não estaríamos aqui. (SOUSA, 2013, p.97)

Diante da apresentação da edição 2, verificamos a presença de um autor-criador que insere o leitor no processo de textualização por meio de indagações introdutórias junto ao uso dos recursos pronominais de inclusão em primeira pessoa do plural (“Todos nós”). E, inicialmente, o que precisamos considerar é a tentativa, por parte do organizador de todo o contexto recriado, de universalizar a prática de Chico Bento Moço, ao declarar que todos já passaram por intempéries ocasionadas devido a um contexto de mudanças, concretizando um amplo juízo de valor no que diz respeito à criação de uma identidade aproximativa entre o herói e o seu público (neste caso, a parcela juvenil da população brasileira).

Nesse ínterim, o autor-criador, durante seu processo de raciocínio lógico-argumentativo, se dirige ao interlocutor, evidenciando uma prática que precisa ser adotada para que se obtenha sucesso na vida, como se houvesse a necessidade de nos apropriarmos de todo o trajeto do herói para sermos felizes. Isso é demonstrado, textualmente, por meio de alguns exemplos apresentados pela instância de autoria, como a exposição de uma ideia de que nem sempre teremos nossos familiares ou amigos por perto, e o que passaria a ser necessário seria o estudo diário, o respeito mútuo e a comunicação com os entes queridos “nem que seja somente pelas cartas”, tendo em vista as condições espaciais suscitadas pelo enredo, como a mudança do campo para a cidade. Ademais, destacamos a questão do gênero carta que é abordada, inicialmente, nesta segunda edição, pela voz do autor-criador em direção ao leitor, o que nos faz refletir, posteriormente, na edição 5 da revista, sobre a valoração que o processo criativo confere a Chico Bento Moço no que diz respeito às práticas de letramento do personagem, como analisaremos na sequência desta seção.

Em seguida, temos uma breve consideração a respeito da edição 3 da HQ mauriciana, em que Chico começa a trabalhar no *Parque Municipal de Nova Esperança*, o que lhe assegura uma memória sobre os tempos em que ele vivia na fazenda. Contudo, o local não era frequentado pelos moradores da cidade, e o protagonista, mobilizado

com esse problema, decide realizar uma festa universitária no parque, mas encontrou problemas durante a realização do encontro de estudantes devido à depredação do parque compreendida pelo acúmulo de resíduos causado pelos frequentadores da festa. Por fim, tudo se encerra positivamente, uma vez que a ocasião fez com que Chico pudesse promover a conscientização dos demais estudantes a respeito de se preservar a natureza, caracterizando um herói que possui todos atributos de um jovem eticamente pautado em valores de respeito, empatia, solidariedade etc. Por fim, eis a seção *Um dedo de prosa* da revista referida:

Chico pega o primeiro batente pra valer. E justo num ambiente que vai lembrar sua roça: o parque da cidade. Naturalmente, as coisas não são fáceis no começo e ficam piores com depredações no parque... Por culpa de uma ideia do Chico, mas no final, como nas “boas histórias do ramo” e como deve ser na vida, as coisas se resolvem. E bem.

É uma história de vida. Como muitas vividas por nós todos nos anos românticos dos nossos primeiros encontros com a realidade.

Desafios e frustrações que não devem nos enfraquecer quanto a objetivos, metas, esperanças. Nada é fácil ou gratuito na nossa ascensão social e profissional. Mas felizmente, antes dos nossos primeiros passos, nossa família, nossos mestres, nossos amigos, espargiram suavidade pelos caminhos que vamos trilhar. Com isso, temos luz à nossa frente, exemplos a serem observados e lembrados e certezas de realizações. E a roda da vida continua girando. Em seu favor. Sempre. É só confiar nela. (SOUSA, 2013, p.97)

Nesta edição, chama-nos atenção, de acordo com os estudos dialógicos, a relação estabelecida, por meio do *excedente de visão e conhecimento*, na composição formal, material e estilística da estética no processo de interação entre o criador e seus respectivos leitores. Isso se justifica pelo projeto de dizer, ao revelar que a vivência de Chico, na edição 3, pautada em maniqueísmos e embates para a imposição do bem, reflete a vida, tendo em vista que “é uma história de vida. Como

muitas vividas por nós todos nos anos românticos dos nossos primeiros encontros com a realidade”, materializando um discurso de que vale a pena lutar, no plano da vida, por ideais ético-críticos, como a defesa do meio ambiente. Com isso, verificamos a textualização de uma voz social que reflete a vida, ao trazer problemáticas, como as que envolvem a natureza, mas, ao mesmo tempo, ocorre uma refração ao postular-se o discurso de final feliz, o que se vê na postura do autor-criador, que imbui o personagem Chico Bento de idealizações, por vezes, românticas, ao conceber um verdadeiro herói que trava discussões em torno da defesa da fauna e da flora. Isso configura um processo criativo preocupado com valores de formação didático-pedagógica dirigidos ao receptor do texto, uma vez que é possível que o leitor se identifique, em muitos aspectos, com as atitudes de Chico.

Na próxima revista, observamos a Rosinha como protagonista de todo o processo de enredo. A namorada de Chico Bento Moço se muda para a cidade de *Campos Verdes* com a finalidade de ingressar na universidade de Medicina Veterinária e passa a enfrentar problemas em razão da mudança de cidade e, também, em função das interações que passam a ser vivenciadas estranhamente pela heroína, como a atração física por outra pessoa. A seguir, há a reprodução da página da seção *Um dedo de prosa*, em que podemos considerar o projeto de dizer de caráter didático visando à formação do jovem em diferentes materialidades discursivas a serem experienciadas na atividade de leitura, contemplando um acontecimento de alteridade:

E a rosinha?

Enquanto o Chico passa pelos aperreios naturais de quem sai de casa pra estudar longe, como está se virando sua namoradinha de infância? Pois não é de espantar que ela também esteja estranhando muito e aprendendo mais ainda na nova realidade de sua vida. Tudo é novo. Às vezes fascinante, outras vezes, meio assustador. Mas ela está indo bem. Com a vantagem (e o perigo) que os jovens atravessam: a atração física. Tanto ela quanto o Chico estão na sua fase mais jovem, bonita, atraente. Tudo conspira para que encontrem candidatos a paixões galopantes, e é aí que eles têm que se lembrar do que ouviram dos pais, dos amigos, dos confidentes sobre as atrações incertas, dos assédios inesperados, das conversas interesseiras... É um tempo em

que os jovens saem de portas abertas para receberem a luz do mundo. Ainda sem o filtro da maior vivência, sem proteção direta dos pais, sem a malícia que faz acenderem-se as luzes vermelhas. Valem, nessa época, mais do que proteções pontuais, as histórias e exemplos trazidos da família, dos amigos verdadeiros... Vale a personalidade que veio lá desde a infância, vale como escudo a educação e a ética. E com isso, sem dúvida, Chicos e Rosinhas por este mundo de Deus estarão preparados para se defenderem das armadilhas das drogas, do álcool, dos desatinos, da criminalidade. Esta série de histórias do Chico Moço e da Rosinha Mocinha vão mostrar pra vocês que tudo é possível quando existe amor e respeito. Sigam-nos. (SOUSA, 2013, p.97)

Aqui há, sem dúvidas, a intensa materialização da voz social que se mostra, explicitamente, a partir da refração produzida pelas marcas de autoria e, portanto, tornou-se possível, em nossa análise, a percepção de um projeto de dizer que se baseia em ideais de formação humana, com destaque para a conscientização ético-crítica do jovem. Constatamos que há a construção, por meio do *excedente de visão e conhecimento*, dos personagens Rosinha e Chico Bento Moço como exemplos a serem acatados e seguidos no plano axiológico da vida, a ponto de se notar, na construção linguística do texto, as expressões, no plural, fazendo referência aos nomes, como “chicos e rosinhas”, evidenciando que as práticas vividas na diegese estabelecem vínculos refletidos e refratados na ética. Isso se confirma quando o viés valorativo aborda atitudes dos personagens, os quais encontram, como “escudo”, a educação e a ética como elementos político-pedagógicos fundadores da autoproteção e de boas práticas sociais, tendo em vista que, a partir dessas grandezas, é possível se defender das “armadilhas” sociais, apontadas, pela voz criativa, como “drogas, álcool, desatinos e a criminalidade”, ou seja, os empecilhos que, geralmente, conduzem o jovem a um contexto problemático rumo à formação de sua fase adulta.

É válido assinalar, também, o caráter sexista desta edição, posto que há valorações concebidas pelo autor-criador sobre o jovem quando se aborda a temática da sexualidade a partir da fragilidade de Rosinha, personagem principal da edição em questão, descrita e analisada ao longo da seção, engendrando uma categoria ideológica que corrobora a noção nitidamente preconceituosa sobre a mulher com o predicativo

caracterizado, consensualmente, em discursos conservadores, como *sexo frágil*. Essa orientação é linguisticamente marcada pelo texto construído, sobretudo, no seguinte trecho: “[...] Meio assustador, mas ela está indo bem, com a vantagem (e o perigo) que os jovens atravessam: a atração física. [...]”(SOUZA, 2013, p. 97). Tal perspectiva estabelece que a atração física é um perigo, sobretudo, para a jovem, e isso se concretiza pelo fato de a obra em questão abordar uma revista dedicada à vida juvenil da personagem Rosinha, concretizando, por parte do autor-criador, um princípio que insere a heroína, e suas reverberações na vida, isto é, as jovens, na ótica de um discurso de poder responsável por dar continuidade às relações hierárquicas experienciadas pelos autores-contempladores do objeto estético colocado em cena, institucionalizando uma ideologia segregadora. Ademais, verifica-se que a personagem Rosinha é caracterizada como “mocinha”, enquanto Chico Bento é moço. Tal associação suscita a construção do centro valorativo do autor-criador que se vale de diminutivos depreciativos (ou infantilizadores), instaurando uma arena que fomenta a ancoragem de relações de poder.

Essa centralidade faz surgir um questionamento relevante quando se pensa na função social de um texto direcionado ao jovem: o autor-criador compromete-se com valores éticos e morais adequados para promover uma socialização pautada na dignidade e na equidade dos sujeitos situados na cultura? Essa problemática carece de avaliações, as quais não serão exploradas nesta pesquisa, considerando os objetivos já citados propostos neste trabalho.

Sob esse prisma analítico, consideramos, a seguir, o trabalho realizado com a produção da edição 5 da franquia, a qual aborda o momento em que Chico Bento Moço passa por um processo de composição de cartas pessoais a serem enviadas aos entes (amigos, familiares, namorada, professora) com a finalidade de relatar, por meio da comunicação não-convencional atualmente, a vida na cidade, contemplando todas as experiências já obtidas, até o momento, no espaço urbano, e demonstrando o sentimento de saudades. Visualizamos, a seguir, o texto final da HQ, ou seja, a seção *Um dedo de prosa*:

Chico quer matar a saudade do pessoal da roça, contar coisas do seu dia a dia de estudante, à base de cartas. Hábito presente em muitos cantos do nosso Brasil (e do mundo), apesar do avanço da tecnologia, dos e-mails, das diversas e avançadas formas de comunicação. E lá se vão belas crônicas, bem sentidas, emocionadas e

emocionantes, já com letrinha bonita, para a Rosinha, para os pais, para a fessora, amigos, até para a vó dita. Levando e ao mesmo tempo cavoucando pedacinhos de saudades, nos corações... Lá e cá. Cartinhas devoradas pelos olhos brilhantes, marejados, da Rosinha. Lidas e relidas pelo pai e pela mãe, sempre preocupada. Avaliadas com gosto pela professora. Para a vó Dita, a carta conta um caso estranho de assombração. Para os amigos Hiroshi e Zé da Roça, vão sugestões sobre centros acadêmicos. Na carta ao Zé Lelé, Chico volta ao gostoso caipirês. Enfim, a velha carta servindo de ponte para um jovem saudoso chegar aos seus entes queridos. Carta que é lida e guardada como um pedaço físico de lembranças inesquecíveis. Um objeto orgânico. Com alma e tudo. Acessível a qualquer momento, ao seu bel-prazer, para reavaliações de emoções. Que tal escrever mais... No papel? Nada contra os práticos e-mails. Mas... Ah, o papel bebendo suas frases, captando seus sentimentos, guardando para sempre sua história. Nada se compara. (SOUSA, 2013, p.97)

A princípio, é relevante considerarmos a construção do projeto de dizer que recupera valores abordados na edição *Um dedo de prosa* da revista 2, o qual consolida uma valoração positiva do gênero carta, o que nos leva à compreensão de Chico Moço como ocupante de um lugar de louvor à tradição como recorrência evidente, ao colocar o personagem na instância de criador de cartas para familiares e amigos no contexto contemporâneo e suscitar, na relação autor-criador e autor-contemplador, o discurso de que o jovem precisa se apoiar nessas práticas de escrita “no papel”, ao caracterizar uma perspectiva conservadora (corroborando uma ideologia abordada anteriormente neste trabalho), elegendo o passado como momento relevante a ser resgatado pelos jovens, contrariamente ao que propõe o contexto de circulação da revista, a qual é moderna por se apropriar, parcialmente, da estilística dos mangás japoneses, por exemplo.

Verificamos, ainda, na relação do *excedente de visão*, em relação a Chico Bento, o juízo valorativo orquestrado que reflete sobre as práticas de letramento do protagonista, recorrendo ao discurso que lhe confere uma possibilidade de analfabetismo digital visto, na instância do autor-criador, como algo desconsiderável, ao venerar a carta como único veículo de comunicação a distância disponível para essas relações



sociais do herói com seus familiares e amigos, em uma perspectiva romântica a respeito dos valores emotivos conferidos a essa prática de letramento, recuperando um discurso saudosista, por exemplo.

Sob esse prisma dialógico, consideramos, para a compreensão dos domínios do letramento, a definição inicial de *alfabetismo* apresentada por Magda Soares:

O *alfabetismo*, entendido como um estado ou uma condição, refere-se não a um único comportamento, mas a um conjunto de comportamentos que se caracterizam por sua variedade e complexidade. Uma análise desses comportamentos permite agrupá-los em duas grandes dimensões: a dimensão *individual* e a dimensão *social*. Quando se focaliza a dimensão individual, o alfabetismo é visto como um atributo *pessoal*, referindo-se à posse individual de habilidades de leitura e de escrita. Quando, ao contrário, se focaliza a dimensão social, o alfabetismo é visto como um fenômeno *cultural*, referindo-se a um conjunto de atividades sociais que envolvem a língua escrita, e a um conjunto de demandas sociais de uso da língua escrita. (1995, p. 7-8 – grifos da autora)

Desse modo, passamos a compreender, na dimensão social do *alfabetismo*, o posicionamento lógico-argumentativo do autor-criador da seção *Um dedo de prosa* como uma instância que nega as possibilidades de Chico Bento Moço de se apropriar da língua escrita no gênero e-mail ou na mensagem instantânea, os quais constituem uma prática social de escrita contemporânea.

Nesse íterim, na composição formal, material e estilística do objeto estético como fundamento de produção da valoração da esfera artístico-literária, há a reiteração do discurso de apelo à tradição, compreendendo o letramento do personagem em uma perspectiva socialmente reducionista, no sentido de negação à tecnologia, e carregada de estereótipos enraizados na construção social do imaginário sócio-histórico-cultural em torno do personagem, como a não-apropriação, e, até, aversão dos/aos meios digitais, suscitando, inclusive, um paradoxo diante de outras práticas projetadas para as vivências do personagem, como o ato de frequentar a universidade e de estar em contato com outros jovens, o que nos propõe o olhar, fundamentalmente, tradicional, por parte do *excedente de visão* que confere o acabamento às interações dos

personagens, distanciando-se da realidade concreta da vida dos jovens, sobre os quais se depreende, de modo consensual, a aproximação com o universo da tecnologia.

Ademais, o projeto didático, recorrente nas seções, é reiterado, posto que o autor-criador recorre a valores axiológicos na e pela *exotopia* (BAKHTIN, 2011; AMORIM, 2004) ao elevar qualidades estéticas e de leitura de cartas como a forma de materialização e interação, entre os personagens, dos sentimentos direcionados aos familiares e amigos, postulando a percepção de que o e-mail, por exemplo, é muito utilitário e instantâneo, como se as emoções intensas e verdadeiras estivessem apenas sob o domínio da escrita por meio de cartas pessoais (com texto manuscrito), os quais romantizam práticas sociais a serem incorporadas na vida, idealizando a percepção sobre o objeto estético na reflexão utópica sobre a vida cotidiana.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procurou-se investigar, qualitativamente e, com base na interpretação do viés metodológico das ciências humanas (BAKHTIN, 2011; AMORIM, 2004), as vozes sociais emanadas pelo discurso do autor-criador, no viés da dialogia, em relação ao projeto de dizer na comunicação da seção *Um dedo de prosa*, a qual compõe a HQ *Chico Bento Moço*, oriunda da razão social Mauricio de Sousa e voltada para o público jovem.

Sob o ponto de vista do autor-criador, fundamentado no *excedente de visão e conhecimento*, nas seções analisadas, verificou-se que Chico Bento Moço e Rosinha são valorados como heróis que compõem o ideal de correção/de princípios e de atos éticos calcados em realizar boas ações ao longo das histórias e, dessa maneira, vencendo os males cotidianos, o que nos remete a uma perspectiva maniqueísta dos enredos projetados para a construção da revista e para as atividades de leitura esperadas, remetendo-nos a um (des)compromisso social assumido pela franquia dotado de uma perspectiva por vezes conservadora, como foi verificado no contexto apresentado pelas edições 4 e 5 da seção “Um dedo de prosa”.

Portanto, verificamos, pautados na discussão bakhtiniana, a sobreposição de uma voz social criadora, na instância do autor, como engendradora da formação de um projeto didático, direcionado ao autor-contemplador, isto é, o jovem, posto que as argumentações defendidas pela voz que se manifesta nas seções finais das revistas suscitam um

outro, na cadeia enunciativa, refratando aproximações permanentes entre o herói, concebido como um modelo no objeto estético e que é idealizado e arquitetado sob uma ótica que se apegua a tradições, e o seu contemplador, na vida, enquanto materialidade concreta de práticas sociais possivelmente identitárias, evocando instâncias que postulam *Um dedo de prosa* como “Um dedo de aprendizados para toda a vida”, considerando o domínio idealizado da proposta conduzida pelo autor.

## REFERÊNCIAS

- AMORIM, Marília. **O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas**. São Paulo: Musa Editora, 2004.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária. In: **Questões de literatura e de estética: A teoria do romance**. Trad. Aurora F. Bernadini e outros. São Paulo: Hucitec, 1998, p. 13-70.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. Metodologia das ciências humanas. In: BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Estética da criação verbal**. Prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov; introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. 6ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011, p. 393-410.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. A forma espacial da personagem. In: BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p.21-90.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. O problema do autor. In: BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p.173-192.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. O heterodiscurso no romance. In: **Teoria do romance I: A estilística**. Tradução: Paulo Bezerra. 1.ed. São Paulo: Editora 34, 2015, p. 79-122.
- COSTA, Luiz Rosalvo. Filosofia da linguagem e ideologia no círculo de Bakhtin. **A Palo Seco: Escritos de Filosofia e Literatura**, v. 11, p.7-17, 2018.
- FARACO, Carlos Alberto. Aspectos do pensamento estético de Bakhtin e seus pares. **Revista Letras de hoje**, Porto Alegre, v. 46, n. 1, p. 21-26, jan./mar. 2011.
- FARACO, Carlos Alberto. Autor e autoria. In: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2020.
- MEDVIÉDEV, Iúri Pávlovitch. **O método formal nos estudos literários – Introdução crítica a uma poética sociológica**. Tradução de Ekaterina V. Américo e Sheila C. Grillo. São Paulo: Contexto, 2012.

NATAL, Chris Benjamim. **Os universos de Chico Bento: Estereótipos, Elementos de Funcionamento Universal e Produção de Sentido Nestes Quadrinhos de Maurício de Sousa**. Universidade Metodista de São Paulo- Umesp, e Faculdades Alves Faria – ALFa. XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação- Uerj- 5 a 9 de setembro de 2005. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R0160-1.pdf>>. Acesso em 7 set. 2020.

SOARES, Magda Becker. Língua escrita, sociedade e cultura: Relações, dimensões e perspectivas. **Revista brasileira de educação**, n. 0, 1995.

SOUSA, Mauricio de. **Chico Bento Moço: vida na república**. São Paulo, n.2, 2013.

SOUSA, Mauricio de. **Chico Bento Moço: festa no parque**. São Paulo, n.3, 2013.

SOUSA, Mauricio de. **Chico Bento Moço: o dia da Rosinha**. São Paulo, n.4, 2013.

SOUSA, Mauricio de. **Chico Bento Moço: a primeira semana**. São Paulo, n.5, 2013.

VOLÓCHINOV, Valentín Nikoláievitch. **A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas**. São Paulo: 34, 2019.

VOLÓCHINOV, Valentín Nikoláievitch. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: Editora 34, 2017. (Tradução, Ensaio Introdutório, Glossário e Notas de S. V. C. Grillo e E. V. Américo). 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2017. v. 1. 371p.

RECEBIDO EM: 01/02/2021

ACEITE EM: 07/06/2021